

João de Sousa Carvalho, Luciano Xavier dos Santos, José Joaquim dos Santos: Obras sacras, Jeniffer Smith (soprano), Alexandra do Ó (meio-soprano), Rui Taveira (tenor), António Wagner Diniz (barítono), Coro de Câmara da Universidade de Salamanca (dir. Bernardo García-Bernalt), Segréis de Lisboa, dir. Manuel Morais, CD Movieplay 3-11044, 1995

João de Sousa Carvalho: Vésperas de Nossa Senhora, Kumi Arata (soprano), Monique Simon (meio-soprano), Christopher Josey (tenor), Christian Treguier (baixo), Les Pages et les Chantres de la Chapelle Maîtrise du Centre de Musique Baroque de Versailles, dir. Olivier Schneebeli, CD Astrée/Audivis E8610, 1995

Dois lançamentos discográficos recentes (1996 e 1997) vieram contribuir significativamente para o conhecimento da música sacra portuguesa da segunda metade do século XVIII, com a apresentação de um conjunto apreciável de primeiras gravações de obras concertantes da autoria dos principais compositores deste período. A produção de João de Sousa Carvalho (1745-c.1800) assume um particular destaque, sendo representada no disco dos Segréis de Lisboa pela *Messa a quattro in Pastorale*, obra que subsiste em autógrafo na Biblioteca Nacional de Lisboa, e por dois Salmos de Vésperas, *Laudate pueri Dominum* e *Benedictus Dominus Deus meus*. Por sua vez, a gravação de Olivier Schneebeli propõe uma reconstituição litúrgica da cerimónia das Vésperas de Nossa Senhora, centrada em cinco Salmos de Vésperas e respectivo *Magnificat* hipoteticamente compostos por João de Sousa Carvalho. Esta gravação surge na sequência do estudo musicológico desenvolvido por Cristina Fernandes em torno do *corpus* mencionado, o qual, ao mesmo tempo que originou a edição

moderna das Vésperas sobre a qual Schneebeli trabalhou, veio equacionar com grande consistência a problemática que envolve a autoria das obras, exposta de modo sucinto nas notas explicativas que acompanham o disco.

Obras de dois outros vultos importantes da vida musical durante os reinados de D. José e D. Maria I, Luciano Xavier dos Santos (1734-1808) e José Joaquim dos Santos (1747-1801), completam a gravação dos Segréis de Lisboa, entre as quais se contam um Invitatório das Matinas do Natal do primeiro compositor e uma antífona, *Ave Spina*, para a Festa da Coroa do Senhor, do segundo. Particularmente oportuna, por iluminar um repertório de invulgar qualidade raramente interpretado em concerto ou em disco, é a ênfase conferida à música para a Semana Santa, com a selecção de uma Lamentação para Sexta-Feira Santa e de uma antífona, *Christus factus est*, de José Joaquim dos Santos, e de duas lições para Quinta-Feira Santa, de Luciano Xavier dos Santos.

Critérios de interpretação histórica presidiram a ambas as gravações, reflectindo-se, entre outros aspectos, no uso de instrumentos da época, no fraseado e articulação das texturas e nos tempos adoptados para os andamentos. Uma preocupação pela contextualização litúrgica é patente tanto no caso dos salmos *Laudate pueri* e *Benedictus Dominus Deus meus*, de Sousa Carvalho, os quais são precedidos e seguidos de antífonas a cantochão, como no caso das Vésperas, que incluem também as respectivas secções a cantochão. Jennifer Smith, Alexandra do Ó, Rui Taveira e Wagner Diniz formam um conjunto relativamente homogéneo, que serve com maturidade técnica e elevado sentido expressivo as exigentes texturas de contraponto dialogado ou de carácter ornamental. Idêntica apreciação dificilmente se poderá fazer do grupo de

se poderá fazer do grupo de solistas Kumi Arata, Monique Simon, Christopher Josey e Christian Treguier, demasiado díspares nas características vocais e na postura interpretativa. O recurso a vozes brancas por Schneebeli contribui decisivamente para a frescura tímbrica da sua gravação, sublinhada por uma correcta espacialização das fontes sonoras. Um marcado contraste de ambiência é proporcionado pela gravação dos Segréis de Lisboa, cuja falta de perspectiva acústica resulta, por um lado, das características inerentes ao espaço físico onde foi realizada e, por outro lado, do posicionamento demasiado próximo dos microfones em relação aos intérpretes. A participação do violoncelo no grupo de baixo contínuo dos Segréis de Lisboa confere recorte à região grave das texturas, uma qualidade menos visível na interpretação de Schneebeli, povoada não raras vezes por sonoridades confusas motivadas pela ausência deste instrumento. No domínio árido da discografia dedicada à nossa música sacra setecentista, estas são duas gravações de referência.

RUI CABRAL

A survey of recordings of music by Joly Braga Santos

Três esboços sinfónicos, op. 34; Elegia a Vianna da Motta, op. 14; Variações sinfónicas sobre um tema alentejano, op. 18, Orquestra Sinfónica da RDP, dir. Álvaro Cassuto, SP 4055 (rec. 1978)

Sinfonietta para orquestra de arcos, op. 35; Concerto em ré para orquestra de arcos, op. 17, Orquestra Filarmónica de Budapeste, dir. András Kórody, CD 870017/PS (rec. 1986)

Divertimento n.º 1, op. 32; Concerto para violeta e orquestra, op. 31, Ana Bela Chaves, Orquestra Filarmónica de

Budapeste, dir. János Sándor, CD 870008/PS (rec. 1981)

Sinfonia n.º 1 em ré menor, op. 8; Abertura sinfónica n.º 3, op. 20, Orquestra Sinfónica Nacional Húngara, dir. Mátyas Antal, SP 4048 (rec. 1989)

Sinfonia n.º 3 em dó, op. 15, Orquestra Sinfónica de Londres, dir. Álvaro Cassuto, CD 870022/PS (rec. 1986)

Sinfonia n.º 4 em mi menor, op. 16, Coro da Filarmónica "George Enescu", Orquestra Sinfónica da Radiotelevisão Romena, dir. Silva Pereira, SP 4057 (rec. 1978)

Sinfonia n.º 5, op. 39 "Virtus Lusitaniae", Orquestra Sinfónica da ENR, dir. Silva Pereira, SP 4043 (rec. 1968)

Joly Braga Santos occupies an ambiguous position in Portuguese music of the 20th century. On the one hand, he is widely revered as a fine composer and teacher; on the other, his music is unfrequently played and the works which do appear in concert programmes and on recordings represent but a small proportion of his output. Many composers are in a much worse position, of course, but the stature of Braga Santos's music is such that one can but lament the present paucity of performances and recordings.

There is also something transitional, even unstable, about his music which, I would argue, is a positive (and clearly very 20th century) quality and has to do with his continual search for the right musical language for his own need. If we compare him to other composers of his generation – a random list might include figures as diverse as Ligeti, Nono, Feldman, Berio, Kurtág, Robert Simpson, Peter Eben, Einojuhani Rautavaara, and, closer to home, Josep Casanovas, Ángel Cerdá and Josep Cercós – it becomes clear that this characteristic is quite general, though each of these composers has inevitably